

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

105

INSCRIÇÕES 464-467



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2013

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



CUPA DE *EUTICHES*, BEJA
(*Conventus Pacensis*)

Quando, por volta do ano 2008, se fizeram obras de renovação no café “Vinte e três”, foi identificada pelo Dr. José Carlos Oliveira uma cupa reutilizada no interior do edifício, situado na Rua D. Manuel I, nº 23. Actualmente, conserva-se nos depósitos do Museu Regional de Beja.

Trata-se de uma cupa de mármore de Trigaches, com forma de pipa, com quatro aros de aduelas duplos. A reutilização da peça é responsável por uma cavidade na parte central superior, pela eliminação do soco e dos topos, além de danos em toda a sua superfície. O campo epigráfico está na face lateral, centrado entre os pares de aros de aduelas, distando deles 7 cm., sendo delimitado por uma moldura em curva e contracurva, que define um espaço de 24 x 27 cm. O campo epigráfico sofreu danos com a reutilização, o que muito afectou as duas primeiras linhas de texto.

Dimensões gerais: 45 x 117 x 50 cm.

Campo epigráfico: 21 x 17,5 cm.

Leitura:

Liv[in]ius / E[u]tiches / ann(or)um · VI · / h(ic) · s(itus)
[.] est [...]

Aquí jaz Livínio Eutique, de 6 anos.

Letras: 2,5/3 cm.

Justificação de leitura:

Como foi referido acima, as duas primeiras linhas estão muito gastas e danificadas. Em todo o texto são visíveis cavidades e escoriações na pedra, bem como vestígios de desgaste, que sugerem diversas fases de reaproveitamento do monumento.

Na l. 1, a primeira letra é sem dúvida um L, seguida de um traço vertical e de um V muito erodido, a que se segue um espaço que apresenta vestígios de terminações inferiores de outro carácter que podem ser as da primeira barra vertical de um N e o arranque da junção da barra oblíqua com a segunda vertical da mesma letra. Ainda nesta linha são claramente visíveis as três letras terminais IVS. Mesmo admitindo que o L do início da linha não é senão o que resta de um D, as três últimas letras IVS impedem claramente a hipótese de reconstituição *-ibus* nessa linha, o que afasta a possibilidade de aí ver a invocação aos deuses Manes, tão vulgar neste tipo de monumentos. A ter existido, estaria fora da moldura, no espaço ocupado por uma depressão de forma quadrangular, que resultou de um dos reaproveitamentos.

Na l. 2, *Eutiches* não levanta problemas maiores de leitura, e a l. 3 também está clara. Na l. 4, o que se vê na pedra é, encostado à direita, H S EST, a que se segue um espaço danificado que, permitindo albergar o resto da fórmula funerária *sit tibi terra levis*, não permite determinar a sua exacta grafia, razão porque a não reconstituímos.

Observações:

Livinius está referenciado como gentílico¹, embora seja pouco comum, e corresponderia a uma variante do gentílico *Livieinus*, também ele relativamente raro².

O nome de origem grega *Eutiches* aparece vulgarmente com a grafia *Eutyches*; geograficamente próxima, encontramos-la em Tavira (CIL II 4989 = CIL II 5161 = IRCP 80) e em Mérida (EE, IX, 68). É um nome vulgar na antiguidade tardia, sendo

¹ H. SOLIN, O. SOLOMIES, *Repertorium nominum gentiliun et cognominum Latinorum*, Zurich – Hildesheim, 1988, p. 105.

² W. SCHULTZE, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen (1940)*, Zurich – Hildesheim, 1991, p. 181.

bem conhecido também em Mértola, em inscrições paleocristãs em grego.

O alfabeto é actuário e regular.

Datação proposta: séc. II / III.

MANUELA ALVES DIAS

CATARINA GASPAR



NUEVAS INSCRIPCIONES LATINAS DE MADRIGALEJO,
CÁCERES
(*Conventus Emeritensis*)

La localidad de Madrigalejo está situada en el sur de la provincia de Cáceres. Por la extensión de sus campos regables es el único pueblo cacereño que pertenece a la comarca agrícola de las Vegas Altas del Guadiana. Tiene cierta notoriedad, desde el punto de vista histórico, por haber sido el lugar donde falleció el rey Fernando el Católico el 23 de enero de 1516.

En la Hispania romana pertenecería al *ager Emeritensis*, muy cerca de la línea fronteriza con el territorio de *Lacimurga*.¹ En línea recta dista unos 22 km de *Lacimurga* (localizada en término de Navalvillar de Pela, provincia de Badajoz) y unos 42 km de *Turgalium* (Trujillo, provincia de Cáceres), que son las ciudades romanas conocidas más cercanas.

Hasta el momento se han encontrado veintitrés inscripciones romanas,² dos de ciudadanos romanos inscritos en la tribu *Papiria*,³ a las que hay que añadir éstas dos que ahora se presentan.⁴

¹ T. CORDERO RUIZ, “Una nueva propuesta sobre el *ager Emeritensis* durante el Imperio Romano y la Antigüedad Tardía”, *Zephyrus*, LXV, 2010, 159-160.

² Última recopilación en J. ESTEBAN ORTEGA, *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres. I. Norba*, Cáceres, 2007, 155-167, n. 606-628.

³ CIL II 5294; HEpOL 416: *M(arcus) · Victori/us · L(uci) · f(ilius) · Pap(iria) / Galba · an(norum) / LXX · h(ic) · s(itus) · e(st) · / s(it) · t(ibi) · t(erra) · l(evis)* HEp 8, 1998, 88 a); HEpOL 5855: *M(arcus) · Iuniu/s · M(arci) · f(ilius) · Pap(iria) / hic · sit(us) · est* [HEpOL = *Hispania Epigraphica Online* (<http://eda-bea.es>)].

⁴ Los hallazgos me fueron comunicados por Simón Carranza Gil, persona cier-

465 – Epitafio de Cilius

Epígrafe funerario realizado en la zona superior de una lancha natural de pizarra⁵ sin trabajar. Tiene la cabecera casi rectangular y la superficie está bastante desgastada, ya que la inscripción se halló, reutilizada como pasadera, sobre el canal de un antiguo molino harinero, que había entre la margen derecha del río Ruecas y el Barrio de San Juan. Se conserva actualmente en el patio de una casa de la calle Palomar.

Medidas: 197 x 60 x 14.

CILIVS / PISIRI · F(*ilius*) / HIC · SI[TVS] / - - - - -?

Letras: 7-6.

Paginación hecha, de forma imperfecta, hacia la izquierda. Interpunción: punto redondo. Capital cuadrada. En la línea 1 está la V muy abierta, y, en la línea 2, el arco de las letras P y R sin cerrar.

En cuanto a la onomástica, *Cilius* es un nombre indígena del que hay un gran agrupamiento de hallazgos en la provincia lusitana, con una concentración en ésta zona del *conventus Emeritensis*.⁶

Del patronímico *Pisirus*, en masculino, solo se constata uno dentro de la provincia cacereña en Coria.⁷ Ambos nombres son los más meridionales constatados hasta ahora en la Lusitania romana.⁸

Por la simplicidad del formulario, se puede datar en la primera mitad del siglo I d. C.

tamente curiosa y preocupada por la conservación de “lo antiguo” en su pueblo, a quien, de corazón, se lo agradezco. Igualmente, doy las gracias al Dr. Joaquín L. Gómez Pantoja, por sus sugerencias valiosas.

⁵ Otras estelas de pizarra en Madrigalejo: HEpOL 761, HEpOL 790, HEpOL 1782 y HEpOL 5647.

⁶ J. M. VALLEJO RUIZ, *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria, 2005, 278-279 con mapa de distribución.

⁷ *Venic/a · Pisir/i · an(norum) IX / p(ater) · c(uravit)* (CIL II 790; HEpOL 18 992).

⁸ *Cilius*: M. NAVARRO CABALLERO Y J. L. RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Burdeos 2003, 143, mapa 91; *Pisirus*: idem, 263, mapa 231

466 – Epitafio de Paula

La inscripción, grabada en una estela de granito muy fino, tiene la cabecera redondeada. En la parte superior ostenta como adorno una media luna en bajo relieve. La superficie está ligeramente alisada y ha sufrido algunos desconchones en el lateral derecho. Se halló en el cauce de un desagüe de los regadíos en la “Dehesa de la Quebrada”⁹ por T. Durán, en noviembre de 2011. Allí se conserva, momentáneamente, en un lateral de la casa.

Medidas: 163 x 55 x 27-22.

IVL(ia) · PAVLA / CAENON/IS F(ilia) · HIC · / SITA ·
EST

Letras: 9-8.

Interpunción: punto redondo. Capital cuadrada rústica, muy anchas y profundamente grabadas. En la línea 1, se encuentra la primera A sin cerrar por arriba y sin trazo horizontal, y la segunda A con travesaño, pero sin cerrar por arriba. En la línea 2, la primera N ha sido grabada muy ancha (8 cm.). En el final del patronímico, entre las líneas 2 y 3, se encuentra una fragmentación asilábica del grabador. En la línea 3: la letra F se graba de forma arcaica con dos trazos verticales desiguales, I¹, en contraposición a las letras E del texto, escritas de forma normal.

El *nomen Iulia/-us* es el más frecuente en Hispania,¹⁰ y, consecuentemente, la *gens Iulia* ya está atestiguada en Madrigalejo.¹¹

El *cognomen Paula* se localiza con cierta frecuencia en esta

⁹ En el mismo paraje se encontró ESTEBAN ORTEGA, 163-164, nº 622, foto 622: *Mason[i]/o an(norum) LII h(ic) s(itus) · e(st) · et · / Laure[n/t]io an(norum) L[.]⁶I · h(ic) · s(itus) · e(st)*

¹⁰ J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania (Anejos de Antigüedad y Cristianismo II)*, Murcia 1994, 151.

¹¹ *L(ucius) Iulius* (CIL II 655; HEpOL 790); *C(aius) Iulius C(ai) l(ibertus) Corcorus* (HEpOL 954); *Iulia L(uci) f(ilia) Columba* (CIL II 5295; HEpOL 1781); *Iulia Ani f(ilia) Maxuma* (HEpOL 20799).

zona situada entre los ríos Tajo y Guadiana.¹² Otra *Iulia Paula* está atestiguada en Valdefuentes, dentro de la misma provincia cacereña.¹³

Del patronímico *Caeno*, nombre indígena, también hay un gran agrupamiento de hallazgos en *Lusitania*, con una concentración en ésta zona del *conventus Emeritensis*.¹⁴

Por la simplicidad del formulario, puede datarse dentro de la primera mitad del siglo I d. C.

JOSÉ-VIDAL MADRUGA FLORES



465

¹² Conquista de la Sierra (HEpOL 20737); Santa Cruz de la Sierra (HEpOL 20754); Santa Marta de Magasca (HEpOL 20217) y otra en Valdefuentes (HEpOL 22841).

¹³ HEpOL 22838.

¹⁴ VALLEJO RUIZ, 238-239 con mapa de distribución.



466

MILIÁRIO DA QUINTA DA MANIZOLA, ÉVORA
(*Conventus Pacensis*)

Encontra-se no patamar da escadaria de acesso do solar, vulgo «Quinta da Manizola», propriedade do antigo Visconde da Esperança, ilustre figura de Évora, e actualmente património de uma bisneta.¹

É referido por Túlio Espanca neste termos: «Um marco miliário romano, de granito e inscrição latina (...)».² Pode ser, pois, um dos dois miliários classificados como «monumento nacional» desde 1910, cujo paradeiro se não conhece.

A sua proveniência é desconhecida, contrariamente ao torso romano que se situa no mesmo patamar da escadaria e que parece provir, segundo Túlio Espanca, do solar da Sempre Noiva. Recorde-se que este solar, situado numa área de intensa romanização, foi edificado pelo Bispo D. Afonso de Portugal (1440 – 1522), genearca dos Condes do Vimioso e um dos primeiros coleccionadores de antiguidades em Portugal. No entanto, admitimos que a sua proveniência pode ser a da antiga via romana *Ebora – Pax Iulia*, pois é nela que conserva o maior conjunto de miliários, alguns epigrafados como o da milha XI

¹ A quem agradecemos as facilidades concedidas para a elaboração deste estudo.

² Túlio ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora*, vol. I, ANBA, Lisboa, 1966, p. 341.

(Solar da Camoeira).³

A peça está actualmente fixada à parede com duas cintas metálicas que ocultam parcialmente o campo epigráfico, medida extrema, mas pouco avisada, dos proprietários acoissados pela actual insegurança, sobretudo furtos ao património artístico (Fig. 1). Foi também o mesmo receio que os fez retirar de cima do miliário um fragmento de mármore, moldurado, com figuração de um rosto, talvez alegórico, com características romanas, que ainda tivemos ocasião de fotografar há uns anos atrás (Fig. 2).

O marco, de morfologia muito regular, assente em base moderna de granito, apresenta um diâmetro de 32 cm e uma altura total de 127 cm (Fig. 3). A superfície epigrafada, relativamente extensa mas pouco cuidada pelo lapicida, tem 82 cm de altura por 60 cm de largura (Fig. 4).

IMP(eratori) CAE(sari) / MAXI/MIANO / PIO FE[L(ici)]
/ ⁵ I(nvicto) [?] A(ugusto) [?] P(ontifici) [?] M(aximo) [?] / X A
V [?]

*Ao imperador César Maximiano, piedoso, feliz, invicto (?),
augusto (?), pontífice (?) máximo (?) [...]*

Altura das letras: l. 1: 8; l. 2 a 4: 9; l. 5: 10; l. 6: 9. Espaços:
2: 6; 3: 5,5; 4: 5; 5: 8: 6: 6.

Paginação feita com regularidade no sentido da altura.

³ Foi já proposta a possibilidade de nesse local ter existido uma *mutatio* (cfr. Francisco BILOU, *O Sistema Viário Antigo na Região de Évora*, Edições Colibri, Lisboa, 2005, p. 27), sugestão que foi secundada por André Carneiro (in *Itinerários Romanos do Alentejo – Uma releitura de “As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio” de Mário Saa, Cinquenta Anos depois*, Edições Colibri, 2009, p. 100), ainda que sem indicação explícita da ‘paternidade’ da ideia, o que levou Vasco Gil Mantas a atribuir-lha (in *As Vias Romanas da Lusitânia* [Série *Studia Lusitana* n.º 7], Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2012, p. 211). O miliário da milha XI da Camoeira, dedicado a Maximino e Máximo, foi publicado por Pierre Sillières («Deux nouvelles bornes de la voie Eborac-Pax Iulia», *Conimbriga* 23 1984 65-65-67, pl. V, após referência ao seu desaparecimento, nas p. 58-59), estudo que foi retomado em ENCARNAÇÃO (José d’), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984, p. 724 (inscrição n.º 664a).

Ductus irregular, mas predominantemente lançado para a esquerda. Caracteres actuários, como é de hábito neste tipo de monumentos em suporte de mui difícil gravação: M de traçado irregular; A sem barra intermédia e de vértice levemente arredondado.

Claramente dedicado ao imperador Maximiano (286-305), de que existem bastantes miliários e dedicatórias um pouco por toda a Hispânia, quer isoladamente quer em companhia dos outros três membros da Tetrarquia, o que politicamente se compreende, atendendo à necessidade de a população provincial mostrar submissão ao poder constituído.

Reconstituímos os epítetos *invicto* e *augusto*, por serem de uso, ainda que, no estado actual da epígrafe, não possamos garantir como é que estão grafados, se em sigla (como sugerimos) ou em abreviatura. Também a menção do sumo pontificado é habitual, seguida do poder tribunício; o X da l. 6 pode, pois, ser da abreviatura MAX(*imo*) ou já a indicação do número do poder tribunício; eventual indicação de milhas não se nos afigura plausível neste contexto gráfico.

Uma consulta à *Hispania Epigraphica online* (<http://edabea.es/>), s. v. «Maximiano», permitirá traçar uma panorâmica dos textos que lhe são dedicados, embora para quem deseje fazer um estudo com mais precisão sobre o tema nos cumpra dizer que deve acautelar-se, devido às imprecisões constantes com que nos deparamos, precisamente devido à circunstância de, amiúde, serem referidos os quatro membros da Tetrarquia. A título de exemplo, podemos apontar o índice de ILER,⁴ onde, em nosso entender, as referências devem ser as seguintes: 1213-1217 (sendo 1214=6542), 1864, 1867, 1894, 1906 e 2085=6082.

Robert Étienne terminou o seu livro⁵ nos primórdios do regime tetrárquico, apresentando como razão a circunstância de, a partir dessa altura, se dissiparem por completo as características próprias da Hispânia, «fundindo-se num mundo nivelado, regido

⁴ ILER = VIVES (José), *Inscripciones Latinas de la España Romana*. Barcelona, 1972, p. 769.

⁵ *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, 1974, p. 519.

pelo pantocrator divino». Páginas antes (p. 510), assinalara como a concessão dos títulos de *pius*, *felix*, *invictus* acentuava, claramente, o carácter divino do imperador: «Deus sobre a terra, incarna também todas as virtudes que já não existem fora da sua pessoa». Aliás, discordando da hipótese lançada por Pierre Salama (p. 502-503) de que o miliário com nome de imperador em dativo é, a partir do século III, um instrumento honorífico e de pura propaganda, Robert Étienne, mesmo que tivesse avançado no tempo o seu estudo, não teria incluído no livro este miliário; nós, ao invés, perfilhamos a opinião de Salama e este consideramo-lo miliário dada a sua forma, independentemente de, no texto original completo, virem de seguida mencionadas – ou não – as milhas a que distava da *civitas* a partir da qual se haviam contado as milhas, neste caso, *Ebora*, natural «caput viarum de várias estradas que dela irradiavam», como escreve Vasco Mantas (o. c., p. 153), uma das quais é a que ligava *Ebora* a *Pax Iulia*, em que este miliário é, pois, de integrar; contudo, a sua função honorífica não é despicienda.

FRANCISCO BILOU
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO





3

IMPCAE
MAXI
MIANO
PIO FE
IAP I
XAV

0 10 cm

4

467